

Orquidário



Volume 25, n° 1
Janeiro a Março 2011

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Revista Orquidário

ISSN - 0103-6750



Publicação da OrquidaRio - Orquidófilos Associados

Comissão Editorial

Editora:

Maria do Rosário de Almeida Braga

Conselho Editorial:

Maria Aparecida Loures

Carlos A.A. Gouveia

Carlos Eduardo M. de Carvalho

A Revista "Orquidário" é uma publicação trimestral da OrquidaRio Orquidófilos Associados. Artigos relacionados a qualquer aspecto da Orquidofilia são bem-vindos e deverão ser submetidos à Comissão Editorial para apreciação.

Todas as contribuições devem ser remetidas à OrquidaRio, digitalizadas em arquivos compatíveis com o sistema Windows. Os arquivos podem ser enviados pela internet ou por correio, gravados em CDS ou DVDs. As instruções para publicações estão disponíveis no site www.orquidario.org, sob o item "Revista". Pedimos que as normas de publicações sejam seguidas por todos, tanto em relação ao texto, quanto figuras e outros anexos.

Os artigos submetidos à "Orquidário" serão revisados pela Comissão Editorial, que poderá ou não aceitá-los. No caso de aceitação, a comissão poderá fazer sugestões, devolvendo os artigos aos autores, para que sejam feitas as modificações necessárias. Os artigos aceitos aguardarão oportunidades de publicação.

Quaisquer matérias, fotos ou outras ilustrações sem indicação de reserva de direito autoral, podem ser reproduzidas para fins não comerciais, desde que citada a fonte e identificados os autores.

O título "Orquidário" é de propriedade da OrquidaRio Orquidófilos Associados, conforme depósito e registro legal na Biblioteca Nacional

Correspondência:

OrquidaRio Orquidófilos Associados

Rua Visconde de Inhaúma 134/428

20.091-007, Rio de Janeiro, RJ

Telfax.: (21) 2233-2314

Email: orquidario@orquidario.org

Site: www.orquidario.org

Diretoria Executiva

Presidente

Ricardo de Figueiredo Filho

Diretores

Técnico - Sylvio Rodrigues Pereira

Administrativo e Financeiro - Eliomar da Silva Santos

Rel. Comunitárias - Lúcia de Mello Provenzano

Comissão de Conservação

M. do Rosário de Almeida Braga

Marcus Rezende

Edson Alves Cherem

Comissão Divulgação

Maria Aparecida Loures

Carlos Manuel de Carvalho

Conselho Deliberativo

Presidente

Paulo Damaso Peres

Vogais:

Carlos Manuel de Carvalho

Diávelo Lecy da Silva

Maria Lúcia de Alvarenga Peixoto

Sérgio Macedo

Presidentes Anteriores

Eduardo Kilpatrick - 1986-87

Álvaro Pessôa - 1987-90

Raimundo Mesquita -1990-94

Hans Frank - 1994-96 e 2001-02

Carlos A. A. de Gouveia 1997-98

Paulo Damaso Peres - 1999-00

Marlene Paiva Valim - 2003-05

M. do Rosário de A. Braga - 2006-09

CONTRIBUIÇÃO DOS SÓCIOS

Preços/Rates	1ano/1year	2anos/2years	3anos/3years
Sócios Contribuintes	R\$ 120,00	R\$ 216,00	R\$ 324,00
Sócios Correspondentes	R\$ 62,00	R\$ 112,00	R\$ 168,00
Sócio Pessoa Jurídica	R\$ 160,00	R\$ 288,00	R\$ 432,00
Overseas Subscription Rates	US\$ 92,00	US\$ 116,00	US\$ 248,00
By Air Mail: plus US\$ 20,00/year			

Publicada em: 25/04/2011

ÍNDICE

Orquidário Volume 25, n^o.1

Editorial _____ 4

Algumas anotações sobre o cultivo de orquídeas em varandas,
Rio de Janeiro – nível do mar,
de Fernando Setembrino _____ 5

Cultivo de Orquídeas de Antigas Raízes: I,
de Álvaro Pessôa _____ 14

Christensonia vietnamica, uma novidade no palco das vandáceas,
de Carlos A. A. Gouveia _____ 16

Orquídeas da Restinga de Massambaba, de Maria Penha K. Fugnani e
Carlos Ivan da S. Siqueira (reedição comentada e comemorativa
dos 25 anos de OrquidaRio) _____ 25



Capa: *Phalaenopsis* Ever-Spring Light 'Antic',
cultivado em varanda na Rua Leblon, Rio de Janeiro, RJ.
A planta já foi premiada em várias exposições.

Foto: Fernando Setembrino.

Editorial

Esse ano estamos comemorando vinte e cinco anos da nossa OrquidaRio e também da nossa revista, a “Orquidário”. Poucas publicações orquidófilas mantiveram uma continuidade por tantos anos e passaram, com sucesso, por épocas de tantas mudanças. É verdade que, ao longo desses muitos anos, em algumas ocasiões foi difícil manter a periodicidade de quatro fascículos por ano – mas nas diferentes ocasiões, tomamos fôlego e novamente restabelecemos o ritmo desejado.

A hora é de festejar e agradecer. Muito temos que agradecer aos vários autores que contribuíram, uma ou diversas vezes, com os mais diversos artigos dentro da Orquidofilia. Agradecemos aos patrocinadores e anunciantes que viabilizaram uma publicação de alto nível. Obrigado aos editores e às comissões editoriais que se sucederam, sempre empenhadas em manterem a nossa revista como uma importante bandeira da associação. Quero também agradecer a Jorge P. da Cruz, que há muitos anos tem sido incansável no seu apoio aos diferentes editores, para termos uma publicação com apresentação cada vez mais caprichada.

Nesse primeiro fascículo de 2011 reunimos quatro contribuições que esperamos despertar o interesse de todos. De conselhos indispensáveis para um bom cultivo, a detalhes para o sucesso com orquídeas crescendo em varandas ao nível do mar. De informações sobre uma linda espécie vietnamita, ao estudo sobre orquídeas em um ambiente natural. Neste último caso, verão que estamos reeditando um artigo sobre as orquídeas da restinga de Massambaba, RJ. A decisão de reeditarmos artigos de impacto ou de grande valor atual, durante esse ano de 2011, foi tomada em uma reunião de diretoria recente, como parte das comemorações das bodas de prata da OrquidaRio.

Boa leitura e parabéns a todos nós.

Maria do Rosário de Almeida Braga.
Editora

Algumas anotações sobre o cultivo de orquídeas em varandas, Rio de Janeiro – nível do mar.

Fernando Setembrino
fernando.setembrino@terra.com.br

Resumo: O cultivo de orquídeas em varandas, em cidades ao nível do mar, como o Rio de Janeiro, pode ser um grande desafio devido, principalmente, a pouca luminosidade, reduzida ventilação e altas temperaturas. Bons resultados com o cultivo de *Phalaenopsis*, *Phragmipedium*, *Paphiopedilum*, alguns *Bulbophyllum*, *Cattleya*, *Laelia* e seus híbridos dependerão de adaptações físicas no local de cultivo, assim como um regime acertado de rega e o uso de substratos adequados.

Palavras-chave: cultivo, Rio de Janeiro, *Phalaenopsis*, *Phragmipedium*, *Paphiopedilum*, *Bulbophyllum*, *Cattleya*, *Laelia*.

Abstract: *Some Notes on Growing Orchids in Verandahs, Rio de Janeiro – sea level.* Growing orchids in verandahs, at sea level cities, like Rio de Janeiro, can be a big challenge mainly because of low luminosity, reduced ventilation and high temperatures. Good results in cultivating *Phalaenopsis*, *Phragmipedium*, *Paphiopedilum*, some *Bulbophyllum*, *Cattleya*, *Laelia* and their hybrids will depend on physical adaptations in the growing area as well as on a right watering regime and the use of proper potting mix.

Key words: growing conditions, Rio de Janeiro, *Phalaenopsis*, *Phragmipedium*, *Paphiopedilum*, *Bulbophyllum*, *Cattleya*, *Laelia*.

Introdução:

O cultivo de orquídeas no Rio de Janeiro, em casas ou apartamentos sem área descoberta, é um desafio para qualquer pessoa.

Quando se tem uma estufa ou um ripado ao ar livre, tudo fica mais fácil, se considerarmos que o período de sol (falo em sol filtrado por telhas, sombrites, etc., ou seja, não falo em sol direto, o qual, diga-se de passagem, não é problema para *Epidendrum*, *Cyrtopodium*, *Arundina*, *Brassavola*, *Renanthera*, *Vanda teres*, etc.) é igual ou superior a 6 (seis) horas e qualquer que seja a direção do vento ele sempre fará a necessária movimentação de ar através das plantas, quer estejam em vasos ou placas, pendurados ou nas bancadas.

O cultivo em varandas de casas ou apartamentos esbarra, principalmente, nos curtos períodos de insolação e na escassez de circulação do ar.

Afora o cultivo em estufas em Nogueira, Município de Petrópolis, a 800 metros de altitude, no meio de um vale, com insolação de mais de 8 (oito) horas por dia, eu cultivo cerca de 100 plantas no terceiro andar de minha casa do Rio (nível do mar – Leblon), numa varanda que tem janelas abertas (com tela sombrite no lugar de vidro) para o leste.



Fig. 1. Cultivo de *Phalaenopsis* em vasos transparentes de plástico e de *Paphiopedilum* em vasos de barro. (Foto: F. Setembrino)

Esta abertura seria razoável, não fossem os prédios que estão em volta, que escondem o sol durante preciosas horas da manhã. Após as 15 horas, o sol já passa para o lado oeste da varanda e não tem mais incidência direta, restando apenas uma boa claridade.



Fig. 2. Detalhes do cultivo de *Cattleya walkeriana*, *Bulbophyllum lobbii*, *B. dearei* e *B. facetum*. (Foto: F. Setembrino)

Retirei algumas telhas do telhado e coloquei no vão vidros Blindex®, nos quais apliquei Insufilme®. Com essa clarabóia passei a ter mais 2 horas de sol.

Em suma, tenho o que chamo de insolação filtrada direta aproximadamente de 4 a 4 horas e $\frac{1}{2}$, o que é suficiente para *Phalaenopsis*, *Phragmipedium*, *Paphiopedilum* e *Bulbophyllum* (alguns), mas pouco para *Cattleya*, *Laelia* e seus híbridos.

A adubação não acarreta maiores problemas, tendo optado pela química, por se tratar de residência,

sendo certo que os adubos orgânicos deixam um odor nada agradável, sendo os químicos inodoros. Com a água da CEDAE tem sido boa a experiência com o novo adubo da Biofert®, na medida indicada, de 15 em 15 dias.

A pouca insolação e a pouca circulação de ar é que me custaram várias experiências com relação ao substrato e tipo de vasos, pois a rega custa a secar e as raízes tendem a não ficar muito saudáveis. A circulação do ar eu dei um jeito com dois ventiladores de chão.

Com relação ao substrato, como tenho vários tipos de orquídeas, as minhas experiências levaram ao seguinte:



Fig. 3. Casca de peroba e pedaços de madeira para o crescimento de *Cattleya walkeriana* e *C. nobilior*. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 4. Desenvolvimento de raízes de *C. walkeriana* entre as ranhuras da madeira. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 5. Pedacos de madeira usados no cultivo de *Cattleya nobilior* e *C. walkeriana*. (Foto: F. Setembrino)

Phalaenopsis (espécies e/ou híbridos): vasos de plástico transparente, com furos laterais feitos com chave de fenda grande esquentada no fogão; substrato misto (fibra de coco, casca de pinus e carvão);



Fig. 6. Cultivo de híbridos e espécies de *Cattleya* e *Laelia* em diferentes vasos e substratos. (Foto: F. Setembrino)

Cattleya e *Laelia* (espécies e/ou híbridos, mesmo intergenéricos) – exceção feita às *C. nobilior* e *C. walkeriana* (um caso a parte): vasos de barro, com furos laterais; substrato misto (fibra de coco, casca de pinus e carvão);

Paphiopedilum e *Phragmipedium*: vasos de barro mais fundos, adicionando no substrato cerca de 15% de es-fagno para reter mais umidade;

Bulbophyllum: vasos de barro ou caixeta de madeira (prefiro de peroba) com o mesmo substrato misto (fibra de coco, casca de pinus e carvão), colocando um pedaço de madeira ou de qualquer placa, pra os que gostam de andar para cima, como o *B. lobbii*;

Cattleya nobilior e *C. walkeriana*: para estas, incluindo alguns de seus híbridos primários, a melhor experiência foi a colocação de pedaços de madeira em caixetas de madeira, fazendo montagens de acordo com o rizoma e as raízes das mudas, como se



Fig. 7. Híbrido de *Cattleya* crescendo em local mais iluminado. (Foto: F. Setembrino)

Deixei para o final um problema, para mim, de impossível solução: o extremo calor do nosso verão. Para isso, como não pretendo usar refrigeração/umidificação artificial, prefiro ter plantas que são resistentes ao calor, deixando as demais para o sítio de Nogueira.

Estas as rápidas anotações que fiz para tentar ajudar aos cultivadores de varandas em apartamentos no Rio de Janeiro.

E para quem diz que no Rio de Janeiro não dá *Cattleya walkeriana*, inclui também fotos da floração desta e outras espécies e híbridos em 2010.

pode ver das fotografias anexas, fazendo, assim, que as raízes sequem com maior rapidez (a rega dessas deve ser aumentada, no que se refere à periodicidade).

As fotografias em anexo, bem mostram a diversidade de cultivo e substrato, no mesmo local, o que é um problema na hora da rega, mas que pode ser solucionado com o que eu chamo a “arte de pular”, consistente na prática de, ao regar as plantas, pular aquela que mostra sinais de umidade e que, assim, pode ser regada no dia seguinte.

Lembro de uma máxima, em termos de rega, que li em algum lugar que não me lembro mais: *Paphiopedilum*, *Phragmipedium*, *Vanda*, etc: se você acha que estão secas deveria tê-las regado ontem; *Cattleya* e *Laelia*, etc.: se você está na dúvida, deixa para regar amanhã; *Phalaenopsis* (e aí eu incluo os *Bulbophyllum*): se você está na dúvida, pode regar.



Fig. 8. *Cattleya* e *Laelia* precisam de uma boa luminosidade. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 9. Algumas espécies de *Bulbophyllum* podem ser cultivadas em vasos rasos de cerâmica ou caixetas de madeira. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 10. Pedacos de madeira com ranhuras usados no cultivo de *Cattleya nobilior* e *C. walkeriana*. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 11. Deve-se encontrar a luminosidade adequada para as orquídeas. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 12. O monitoramento da temperatura ambiente é uma importante ferramenta para um bom cultivo. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 13. *Cattleya walkeriana* 'Avatar' florindo em varanda no Rio de Janeiro. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 14. *Laeliocattleya* Aloha Case 'Pink Lady'. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 15. A segunda floração da *Cattleya* Gisele Bündchen 'Dot' no Leblon. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 16. *Cattleya Lagoa* 'Doce'. (Foto: F. Setembrino)



Fig. 17. *Cattleya lueddmiana* 'Arthur Chadwick'. (Foto: F. Setembrino)

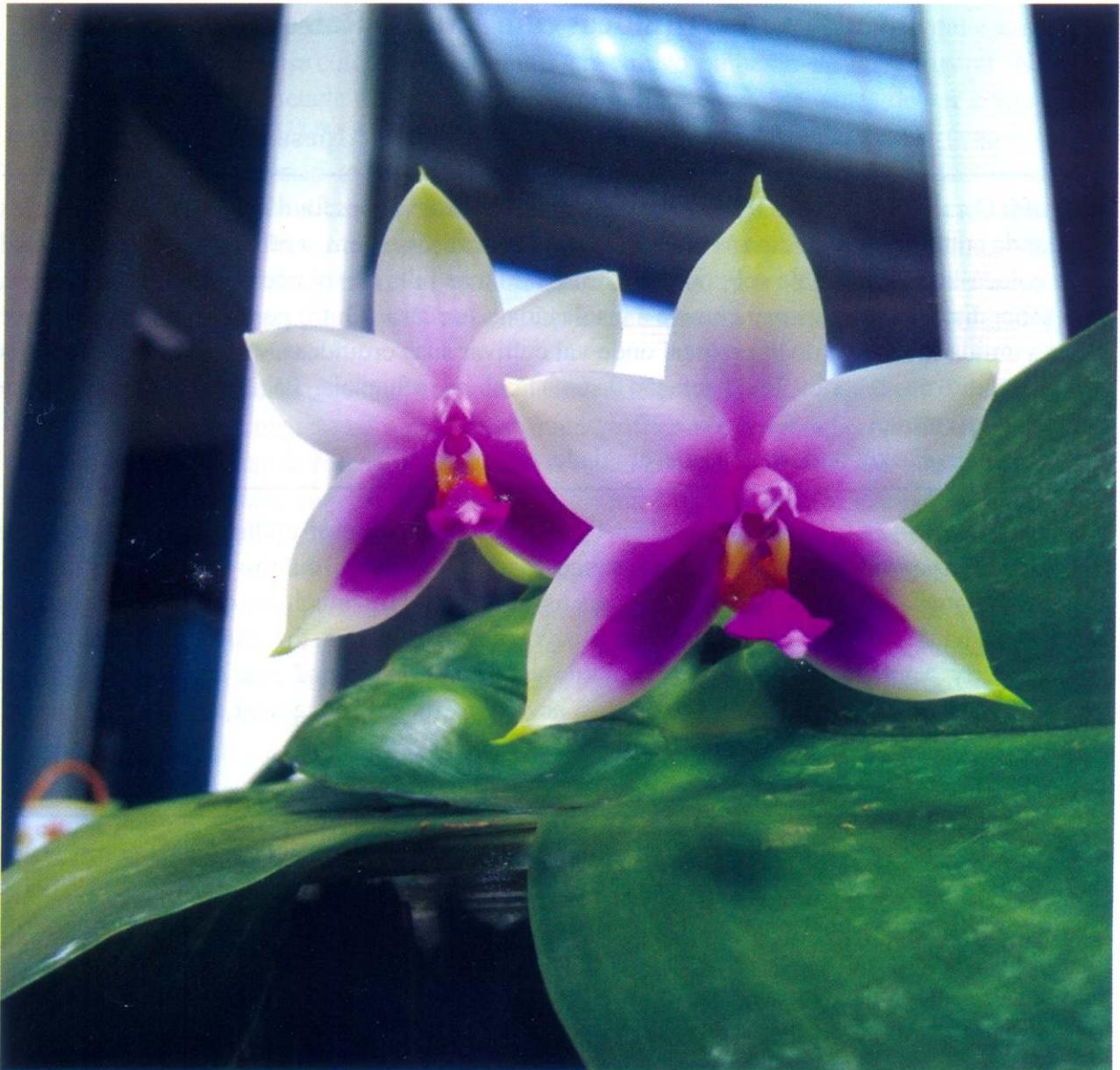


Fig. 18. *Phalaenopsis bellina* 'Juminha' floresce várias vezes durante o ano. (Foto: F. Setembrino)

B&G
flores **nutrição vegetal**

Tenha excelentes resultados com a linha Orchidées B&G

www.begflores.com.br
contato@begflores.com.br
(31) 3892-4967

Conhecimento e inovação para produzir os melhores adubos para as suas flores!

Cultivo de Orquídeas com Antigas Raízes - I

Álvaro Pessoa
pessoa2005@uol.com.br

Resumo: O cultivo de orquídeas baseia-se em algumas observações fundamentais, algumas delas já parte da cultura das orquídeas. Para que as plantas floresçam bem, a primeira escolha é o local onde colocá-las. Excesso de sol pode ser controlado mas falta de sol não pode ser remediada e, para saber disto, é preciso saber como é a insolação na sua casa. Outro ponto muito importante é saber a umidade relativa do ar no local onde vai cultivar suas orquídeas. A frequência das regas depende muito dessa condição e a aeração da área também influencia. Paciência é uma exigência para um bom cultivo.

Palavras-chave: estufas, luminosidade, umidade, aeração.

Abstract: Growing Orchids with Ancient Roots. The cultivation of orchids is based on some essential observations, some of which are already part of the general culture of orchids. For your plants to bloom well, the first decision is where to grow them. Too much sun can be controlled but low light is harder to remedy. To diagnose this you need to observe the trajectory of the sun on your property. Another important point is to know the humidity around your orchids. How often you are going to water them depends on this, as well as the air movement around your plants. Patience is a must for a good orchid growing.

Key words: green houses, light intensity, humidity, air movement.

O acervo do conhecimento humano, tanto no campo das relações sociais como no da tecnologia, constitui a CULTURA. As pessoas não treinadas formalmente, costumam associar, muito equivocadamente, a idéia de CULTURA, aos laboratórios científicos ou ao conhecimento da literatura ou da arte, como se indivíduos simples, muitas vezes iletrados, não fossem capazes de admirar e se emocionar, com a beleza da alvorada, um animal esteticamente perfeito, ou alimentos bem preparados. Como se não fosse CULTURA, a arte de defumar carnes e peixes, fazer queijos, doces e compotas, criar cavalos de raça ou dominar a natureza.

Cultivar orquídeas é uma forma de CULTURA, daí o título desse artigo, propositadamente, falar em CULTIVO e antigas raízes. Constato, em quase todos os setores da vida nacional, um certo desamor pelo conhecimento passado (QUE É CULTURA) como se ele não fosse relevante. A pior frase dos últimos anos, foi: “nunca antes na história desse País”, sobretudo usada com bordão, por pessoas totalmente desprovidas, da capacidade de entender do que falavam.

Quando o grupo a que eu pertencia, começou a cultivar orquídeas, aí pelos idos de 1975, os tempos estavam longe de ser como os de hoje, quando a literatura de cultivo é abundante nas bancas de jornais. Tínhamos que aprender errando, repetindo tentativas, para ver se “acertávamos a mão”. Líamos e relíamos o livro do Waldemar Silva, para entendermos as dicas, mas foi matando muitas plantas, que sobrevivemos. A CULTURA passava de uns para outros por oralidade, em conversas, exposições, etc... Os colecionadores famosos eram reticentes.

Algumas coisas porém se mantiveram e, minha esperança, é que esse texto possa auxiliar os cultivadores, pois vai tratar de cultivo de plantas. A ESCOLHA MAIS IMPORTANTE, para que suas orquídeas floresçam bem, é que você saiba, ONDE NASCE E ONDE MORRE O SOL em sua casa, nas quatro estações do ano. Esse era o conselho preliminar, de todos os orquidófilos experientes com que aprendemos.

Quase ninguém presta atenção nisso hoje em dia , mas é uma escolha vital e um antigo aconselhamento. Sem esse cuidado, você jamais terá cultivo exuberante e vai se frustrar. Nenhum arquiteto da primeira metade do século passado projetaria uma casa, antes de ver como sol de comportava, DURANTE UM ANO INTEIRO, no terreno em que ia iniciar a construção.

Nossos avós queriam casas ensolaradas pelo sol da manhã, se possível nas quatro estações. Sol da manhã era saúde no verão, cômodos frescos à tarde e aquecimento no inverno. Nem nas casas, nem nos ripados, havia ar condicionado, umidificadores, ou aquecimento artificial. Ninguém tinha isso, mas também não tinha pressa. Acho que até o sangue nas veias, girava mais lento. Hoje tudo é feito numa correria louca, como se o mundo fosse mesmo acabar em 2012 !!! Ninguém pode ser orquidófilo dessa forma.

Orquídeas precisam de tudo que uma pessoa madura tem a dar: TEMPO E PACIENCIA ! Elas são avessas ao contacto com pessoas sôfregas, ansiosas e apressadas (características boas, para conquistar plantas na coleção). Orquídeas completam a personalidade dos seus proprietários, mas são, por sua natureza, lentas. A natureza não tem pressa. Calma, calma e calma.

Quantas vezes visito casas de companheiro(a)s nossos, que escolheram o local para o ripado, ou para a estufa, com base na única área que "sobrou" em seu terreno. Num cantinho. Sem nenhuma preocupação com o sol. Isso leva a sucessivas frustrações, e à sensação de que sua habilidade para cultivar não atinge o nível necessário. Se você se encontra nessa situação, compre outro terreno ou desista! Demolir a casa por causa de orquídeas, pode causar discórdias! Excesso de sol pode ser controlado. Falta de sol não pode ser remediada!

Além do sol, a segunda coisa em importância com quem você deve se preocupar, é com a umidade relativa do ar, NA REGIÃO QUE VOCÊ HABITA! Esse fator também vital vai variar dentro da estufa, em função do meio ambiente externo. Passeie pelas aléias do nosso Jardim Botânico de manhã e veja como a proximidade da mata o faz úmido. A faixa de mata que vai das vertentes do Corcovado até a rua Jardim Botânico também é muito úmida. O vento "toma banho" nas ondas do mar, mergulha no espelho da Lagoa Rodrigo de Freitas, e vai umidificar ou hidratar a mata, já por si úmida. A umidade relativa do ar é muito alta. O coeficiente de evaporação é baixo. Uma insolação abundante, conjugada com um pé direito de estufa alta, faz a compensação.

Uma estufa nessas áreas, irá precisar de muito menos hidratação ou regas, do que uma estufa em região seca, como a Tijuca, por exemplo. As plantas vão ficar mais tempo naturalmente úmidas, mesmo no verão. Em regiões úmidas, a temperatura vai subir (causando evaporação) mas será compensada pelo ambiente em torno de sua estufa.

Falei faz pouco no pé direito, ou na altura da sua futura estufa. Quem conheceu as estufas de Petrópolis, do Dr. Guilherme Guinle, que foi um de nossos cultivadores pioneiros, encontrou uma forte influência européia na construção e um pé direito baixo. Para os europeus, criara-se uma crença errada, de que florestas brasileiras deviam ser muito quentes e muito úmidas. Nesse meio muito quente e úmido, orquídeas vegetariam melhor. TUDO QUE CONSEGUIRAM FOI CULTIVAR FUNGOS EM GRANDE QUANTIDADE. Quando os norte americanos entraram no cultivo, logo passaram a construir imensos galpões bem arejados, mudando toda a concepção de cultura.

Já que utilizei a palavra "arejado", lembrei que a constância dos ventos ajuda muito, e pode (ou deve) ser controlada, mas se a estufa estiver num local sem ventos, você vai ter dificuldade com o cultivo.

Portanto, como você vê, eu ainda nem falei de plantas, mas já introduzi três conceitos que me parecem decisivos: sol o ano inteiro, umidade relativa do ar e dimensões da estufa e a importância da aeração. Vamos ver ainda, o que mais é desejável para um bom cultivo, na próxima edição!

***Christensonia vietnamica*, uma novidade no palco das vandáceas**

Carlos Antonio Akselrud de Gouveia
caagouveia@globocom

Resumo: O estudo recente da flora vietnamita vem trazendo novas espécies para o mundo das orquídeas, sendo que algumas tem grande potencial horticultural. O artigo apresenta uma delas, *Christensonia vietnamica*, que começa a ser usada em híbridos com as chamadas vandáceas.

Palavras-chave: *Christensonia*, Vietnam, Vandáceas.

Abstract: *Christensonia vietnamica*, a novelty in the Vandaceae stage. Recent studies in Vietnam flora show interesting new additions to orchid panorama, some of them with horticultural potential. The paper discuss *Christensonia vietnamica* and its hybrids.

Key words: *Christensonia*, Vietnam, Vandaceae.

O Vietnam ficou, por muitos anos, inexplorado, devido a guerras e conflitos. Após a pacificação e normalização do seu contato internacional, foi retomado o estudo de sua flora, com resultados estimulantes, sendo que mais de 590 novas espécies de orquídeas foram descritas recentemente, significando cerca de 60% do total conhecido no país. Estima-se que cerca de 85% da flora total esteja descrita.

O inventário de espécies vietnamita de orquídeas é avaliado em aproximadamente 1200 espécies nativas.

Algumas desses acréscimos tem grande interesse horticultural, como *Paphipedilum vietnamense*, *Ascocentrum christensonianum*, *Renanthera annamensis*, *Renanthera citrina*, *Renanthera vietnamensis* e *Christensonia vietnamica*. Esta última, além de sua importância como espécie, agrega potencial para obtenção de novas variedades de híbridos.

***Christensonia vietnamica* Haager**

Descrição:

Christensonia vietnamica representa um gênero monotípico. A espécie foi descrita em 1993 por Jiri Haager, tendo dado o nome em Homenagem a Eric Christenson, botânico e taxonomista americano. Membro da subtribo Aeridinae (Sarcanthinae), é muito próxima de *Aerides*, *Rinchostylis* e *Vanda*.

Suas características são labelo trilobado, esporão reto e alinhado com o lóbulo central do labelo, sem pé na coluna. Seu labelo não tem articulação que permita sua deflexão pelo polinizador. A forma do esporão é bem pronunciada e típica da espécie (figs. 1-3).

É um epífita monopodial de tamanho médio, com folhas de 6 x 1 cm típicas da subfamília. As hastes axilares tem flores ressupinadas de cerca de 3 cm, com 3-5 flores normalmente.



Fig. 1. *Christensonia vietnamica*. (Foto: A. Sauer)



Fig. 2. *Christensonia vietnamica* - labelo trilobado com coloração característica. (Foto: A. Sauer)

As pétalas, sépalas e laterais do labelo são amarelo esverdeado, com a parte central do labelo em forma de leque branco. As margens do labelo são delicadamente franjadas. A coluna é bem curta, de cerca de 0,3 cm.



Fig. 3. *Christensonia vietnamica* - detalhe do esporão. (Foto: A. Sauer)

Habitat:

É encontrada na província florística do Sul da Indochina, em florestas perenes de flora decídua e semi-decídua, em elevações de até 300m. O clima é quente e úmido, hospedando cerca de 20 espécies endêmicas do Vietnã. Alterna períodos de relativa seca com fortes chuvas (monções).

Manuseio e comércio:

O comércio de *Christensonia* foi praticamente todo de plantas coletadas. Existem registros de apenas 9 espécimens propagados artificialmente e 37 negociados de plantas confiscadas e vendidas legalmente, desde que foi descrita. Os dados oficiais do comércio são:

1997 - 9 plantas

1998 - 4547 plantas (93% para os EUA)

1999 - 780 plantas

2000 - 1060 plantas

2001 - nenhuma planta

Até 2003 - 92 planta

A partir de 2003 a exportação foi reprimida pelo governo vietnamita.

Cultivo:

Em 2000, quando fui a Miami, comprei um belo exemplar, que se recusou a sobreviver, apesar de ter chegado em muito boas condições. 5 anos depois a Ecoorquídeas me trouxe outra planta adulta da Tailândia, frondosa, que igualmente foi pelo caminho da

morte. Na WOC de 2009 fiz minha última tentativa, conseguindo um “seedling” pequeno de um orquidário da Malásia. Esta pequenina se adaptou e em 2011 floriu pela primeira vez, com duas hastes cada uma com 4 flores. Cultivo ela montada em um toco, com luz típica de *Ascocendas*. Regas e adubação diárias com adubo 20-20-20 alternado (a cada quarta rega) com 10-30-20.

A temperatura é a típica do Rio de Janeiro, variando de 19°C até 40°C. Na Flórida, EUA, soube que ela tolera temperaturas de 14°C sem problemas.

Seus híbridos:

Em algumas linhas de hibridização tem sido notada uma certa exaustão de alternativas. As *Cattleyas* de grande porte rosas, os *Phalaenopsis* brancos e os *Dendrobium* tipo *nobile* são bom exemplo, pouca coisa parece existir para se melhorar o estado da arte. As *Vandas* também vinham migrando para um lugar comum. As vandáceas são muito ricas em diversidade e cruzamentos com *Renanthera*, *Aerides*, *Arachinis* e *Paraphalaenopsis* já vem sendo testados. Neste panorama, *Christensonia vietnamica* aparece como uma adição de grande utilidade. A forma e cor do labelo, o tamanho reduzido e tom esverdeado da flor seriam características muito apreciadas.

Existem os seguintes gêneros híbridos já registrados:

<i>Chrisanda</i> (Csn.)	<i>Christensonia</i> x <i>Vanda</i>
<i>Chrisanthera</i> (Chrt.)	<i>Christensonia</i> x <i>Renanthera</i>
<i>Chrisnopsis</i> (Cps.)	<i>Christensonia</i> x <i>Phalaenopsis</i>
<i>Christenstylis</i> (Chn.)	<i>Christensonia</i> x <i>Rhynchostylis</i>
<i>Christocentrum</i> (Crc.)	<i>Christensonia</i> x <i>Ascocentrum</i>
<i>Coronadoara</i> (Crd.)	<i>Christensonia</i> x <i>Ascocentrum</i> x <i>Vanda</i>
<i>Fuchsara</i> (Fcr.)	<i>Christensonia</i> x <i>Ascocentrum</i> x <i>Rhynchostylis</i> x <i>Vanda</i>
<i>Laenopsonia</i> (Lpn.)	<i>Christensonia</i> x <i>Paraphalaenopsis</i>
<i>Lawara</i> (Lwr.)	<i>Christensonia</i> x <i>Aerides</i> x <i>Arachnis</i>
<i>Moihwaara</i> (Mhw.)	<i>Christensonia</i> x <i>Arachnis</i> x <i>Vanda</i>
<i>Yinmunara</i> (Ymn.)	<i>Christensonia</i> x <i>Ascocentrum</i> x <i>Rhynchostylis</i>
<i>Yinwaiara</i> (Yin.)	<i>Christensonia</i> x <i>Aerides</i> x <i>Rhynchostylis</i> x <i>Vanda</i>

Alguns dos híbridos com *Christensonia vietnamica* já são disponíveis comercialmente. O cruzamento com *Ascocentrum aurantiacum* não foi muito feliz, produzindo flores com dominância de *Ascocentrum*, apenas um pouco maiores.

Mas em *Coronadoara Crownfox* (*Christensonia vietnamica* x *Ascocenda* Memoria Carol Wiegel) abre-se uma janela, as flores são de boa forma, graças a *Ascocenda*, com um colorido que vai do amarelo palha até o laranja telha. A aqui mostrada tem um colorido bem forte, com pintas nítidas (figs. 4-5). Eu comprei num lote de plântulas ainda não floridas, 1 ano depois eu vi na bancada de RF Orchids várias plantas em flor, mas nenhuma com cor tão acentuada. Esta planta me surpreendeu, floriu 3 meses depois de chegar de viagem, ainda sofrida e desde então floresce pelo menos 3 vezes por ano.



Fig. 4. Floração de *Coronadoara Crownfox* (*Christensonia vietnamica* x *Ascocenda Memoria Carol Wiegel*). (Foto: A. Sauer)



Fig. 5. Vista lateral de *Coronadoara Crownfox*. (Foto: A. Sauer)

Fuchsara Crownfox (*Vascostylis Five Friendships* x *Christensonia vietnamica*) tem uma influência maior de *Christensonia*. A forma é claramente dominante de *Christensonia* e a mácula branca do labelo fica colorida pelo azulado de *Rhynchostylis*.

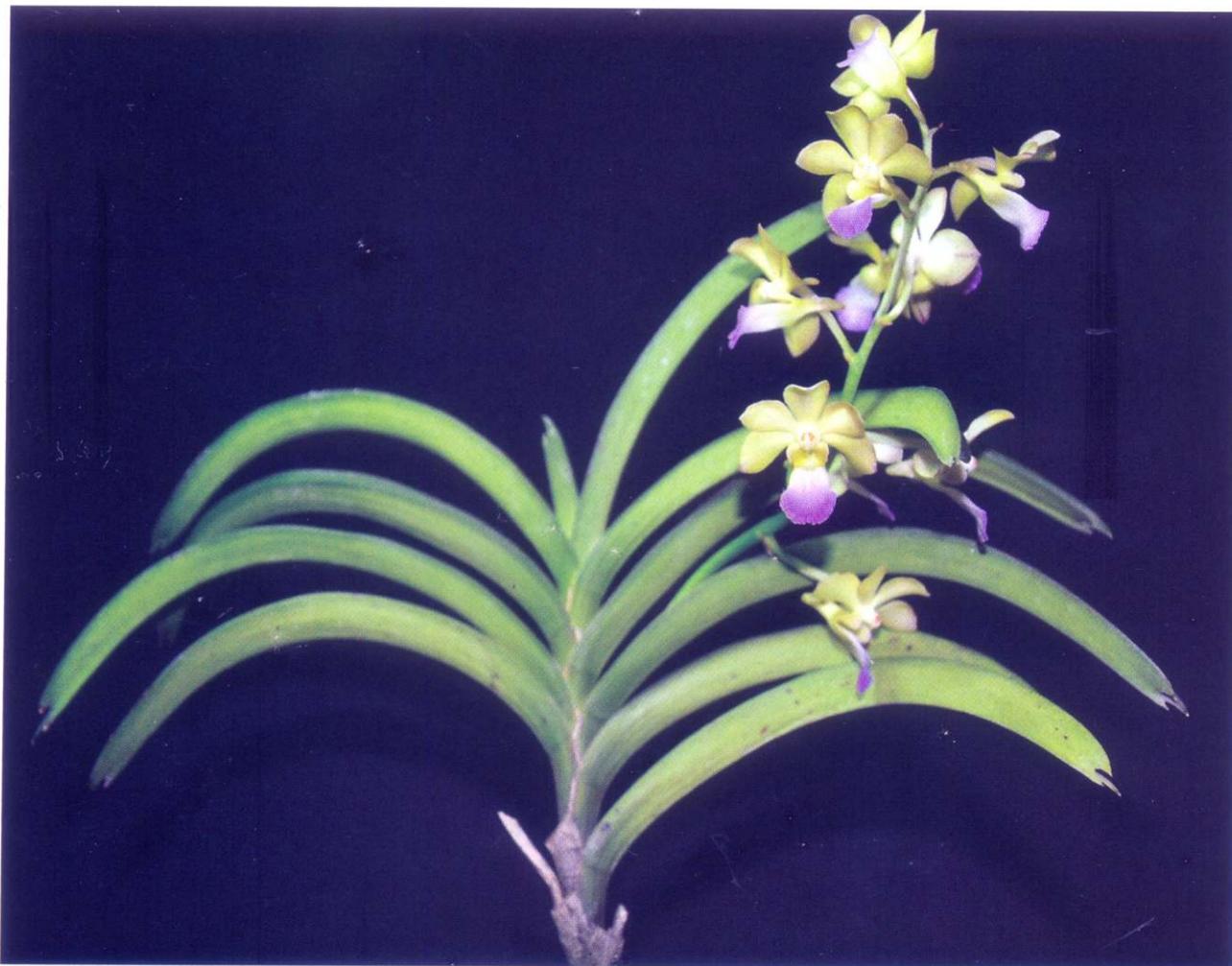


Fig. 6. *Fuchsara Crownfox* (*Vascostylis Five Friendships* x *Christensonia vietnamica*). (Foto: A. Sauer)



Fig. 7. Pode ser vista a influência de *Christensonia vietnamica* na forma da flor de *Fuchsara Crownfox*. (Foto: A. Sauer)

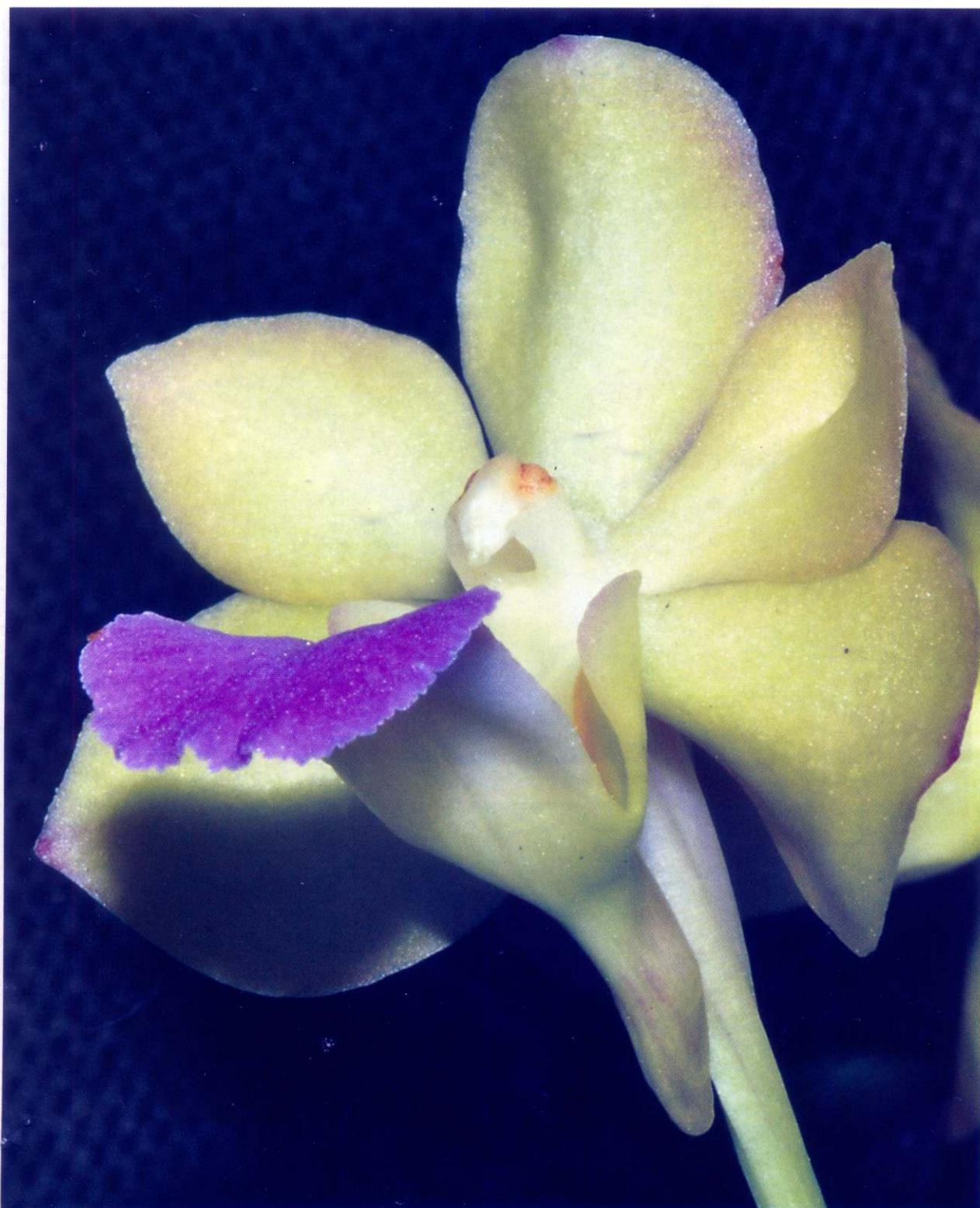


Fig. 8. Colorido do labelo acompanha padrão em *Fuchsara* Crownfox. (Foto: A. Sauer)

O jeito da planta e o número de flores também são herdados do *Vascostylis* (figs.6-8). Vi também uma bancada de plantas no RF Orchids, apenas a cor básica varia do amarelo bem claro ao creme esverdeado. Como a *Corbnadoara*, floresce sem parar.

Laenopsonia Penang Star (*Paraphalaenopsis laycockii* x *Christensonia vietnamica*) tem características de grande potencial. Do *Paraphalaenopsis* temos a cor e o jeito estrelado da flor, além do hábito das folhas (figs. 9-10). Mas *Christensonia*



Fig. 9. *Laenopsonia* Penang Star (*Paraphalaenopsis laycockii* x *Christensonia vietnamica*). (Foto: A. Sauer)



Fig. 10. *Laenopsonia* Penang Star - detalhe do labelo, com colorido de *Paraphalaenopsis* (Foto: A. Sauer).

vietnamica melhora a armação da flor e influencia o labelo. Infelizmente a duração da inflorescência é muito pequena graças ao *Paraphalaenopsis laycockii*. Pode florir mais de uma vez por ano, mas é menos freqüente do que as anteriores.

Eu tenho também uma *Coronadoara* Michel's Delight e uma *Crisanda* não registrada. As fotos da *Coronadoara* não estão disponíveis no momento, mas prometo publicar em breve, a *Crisanda* ainda não floriu.

Conclusão:

Christensonia vietnamica tem um enorme caminho a percorrer como padreador de híbridos. *Ascocendas* brancas podem vir a produzir flores esverdeadas e a facilidade de floração, devem trazer cruzamentos muito prolíficos. A redução do tamanho das plantas também pode ser aproveitada de forma positiva. Comparada as linhas com *Arachnis*, *Renanthera* e *Aerides*, seus descendentes são plantas compactas, tolerantes a menor luminosidade e crescimento comportado. A linha baseada em *Neofinetia falcata* tem flores de qualidade muito inferior ao obtido com a novidade. Será interessante ver como *Christensonia vietnamica* hibridiza com estas linhagens, conseguindo cores e formas novas para enriquecer o mercado.

Referências:

Averyanov, L. V., Averyanova, A. L., Loc, P. K., Hiep, N.T. 2009. Orchid flora of Vietnam: new discoveries and some of their characteristics. *Advances in Natural Sciences*, 10 (3): 353–365.

Christenson, E.A. 2003. The genus *Christensonia* Haager. *Lankasteriana*, 2: 19-21
Finding out a valuable orchid at Nui Chua National Park, Ninh Thuan province -
Vietnam Plant Data Center (<http://www.botanyvn.com/cnt.asp?param=news&newsid=739&lg=en>)

Nota: Cultivo de todas as plantas fotografadas – C.A.A. Gouveia.



Distribuidora dos Fertilizantes

Futuro Fertil

Plant-Prod

- SEMENTES
- FERTILIZANTES
- HERBICIDAS
- INSETICIDAS
- TUBOS • ARAMES

**Linha orgânica,
Linha de irrigação,
Substratos etc...**

**ST Irajá Agrícola Ltda. CNPJ 03.656.245/0001-60 I.E 77.046.984
Av. Brasil, 19.001 • Loja 2 e 4 • Pav. Manutenção • CEASA • Irajá
21530-000 Rio de Janeiro RJ • Tels. (21) 2471-2568 / 2471-2569
fernando.rezende@futurofertil.com.br**

Comemorando nossos 25 anos **Orquídeas da Restinga de Massambaba**

Maria da Penha K. Fagnani e Carlos Ivan da Silva Siqueira.
Artigo original publicado em Orquidário 6(2), em 1992
(atualizado por M. do Rosário de A. Braga e Sylvio R. Pereira)
orquidario@orquidario.org

Resumo: Estudo feito no início da década de 90 em um ponto da restinga de Massambaba, RJ, evidenciou a riqueza da flora de orquídeas e também as pressões de destruição. Passados 20 anos, tanto as orquídeas quanto a integridade do ambiente estão muito mais ameaçadas.

Palavras chave: restinga, Massambaba, conservação.

Abstract: A survey done at the beginning of the 90's at a location of the Massambaba "restinga" (sand dune vegetation), RJ, showed the richness of the orchid flora as well as the pressures towards destruction. After 20 years, the orchids and the integrity of the environment are much more endangered.

Key words: sand dune vegetation, Massambaba, conservation.

Introdução:

A riqueza da flora e fauna da Restinga de Massambaba, que abrange áreas dos municípios de Saquarema, Araruama e Arraial do Cabo, no estado do Rio de Janeiro, já é reconhecida há muito tempo. Na tentativa de proteger a região, em 1986 foi criada a Área de Proteção Ambiental da Massambaba, mas o Plano de Manejo para a "APA da Massambaba" só foi aprovado em 2009, quando muita destruição do ambiente já havia acontecido. Desde meados de 2008 a imprensa vem anunciando a criação do Parque Estadual da Costa do Sol, que irá aumentar o grau de proteção dos fragmentos de vegetação nativa da restinga que ainda sobrevivem. Mas o processo de discussão e criação de um parque nunca é fácil e não foi diferente neste caso, uma vez que este será o primeiro parque brasileiro a proteger um mosaico de vários fragmentos, localizados em diferentes municípios. As últimas informações são de que finalmente a homologação do parque acontecerá em abril de 2011.

Na área da restinga de Massambaba, e especialmente da APA de Massambaba, já foram registradas 28 espécies de orquídeas e a família Orchidaceae é a quinta em número total de espécies que ocorrem nas restingas do estado (Pereira & Araújo, 2000; Araújo *et al*, 2009). Por isto, há várias décadas, associações orquidófilas do estado têm procurado contribuir para a conservação da flora de orquídeas da Restinga de Massambaba. Já em 1984, a diretoria da então Sociedade Brasileira de Orquidófilos (que dois anos depois seria substituída pela OrquidaRio) esteve diretamente comprometida com a criação da Reserva Biológica das Orquídeas, em Arraial do Cabo. Desde então alguns de nossos associados vem acompanhando de perto as transformações que tem ocorrido nos últimos anos, onde os sinais de depredação são evidentes. As orquídeas estão sendo arrancadas



Fig. 1. *Brassavola tuberculata*, espécie de valor comercial, hoje não pode mais ser vista na APA de Massambaba, devido à depredação por mateiros que comercializam espécies nativas. Esta foto foi tirada em restinga do Espírito Santo. (Foto: M.R.A. Braga)

e populações inteiras estão sendo dizimadas, fazendo com que algumas delas já não sejam mais encontradas em locais onde antes eram abundantes.

Uma contribuição relevante ao estudo das orquídeas da Restinga de Massambaba foi feita pela nossa associada, a botânica Maria da Penha K. Fagnani, que em 1992 publicou o artigo que se segue, em colaboração com o fotógrafo e companheiro de jornadas, Carlos Ivan da Silva Siqueira. Ao longo dos anos outras orquídeas foram encontradas na região e algumas das espécies que os autores encontraram tiveram sua identificação corrigida, mas as observações detalhadas e o aspecto conservacionista do trabalho muito nos ensinam. A seguir, reeditamos o artigo de Penha e Carlos Ivan, com fotos feitas recentemente.

Orquídeas da Restinga de Massambaba

Segundo dados bibliográficos, das 2.300 espécies de orquídeas brasileiras, 832 (incluindo os híbridos naturais) são encontradas no Estado do Rio de Janeiro, sendo que algumas destas existem unicamente no nosso estado, como, por exemplo, a *Laelia lobata* e a *Cattleya dormaniana*.

Cultivando nossas plantas aqui e vivendo num estado tão rico em orquídeas, achamos ser de especial interesse a visita a alguns “habitats”, para conhecermos a situação atual em relação às espécies ainda lá encontradas e sua interação com o meio

em que vivem, pois todos sabem das agressões cada vez mais freqüentes a estes jardins naturais tão belos.

Escolhemos, para começar, a restinga de Massambaba, que separa a Lagoa de Araruama do mar. É um local de acesso fácil para nós e sabidamente uma área com flora orquidácea bem representativa.

Nestas nossas visitas iniciais com finalidade de estudo, observamos alguns pontos de uma área que vai da localidade de Praia Seca até, aproximadamente, 10km indo em direção a Arraial do Cabo. Penetramos na restinga por acessos por nós escolhidos, de maneira à sempre observarmos as mesmas áreas, com eventuais ampliações do espaço observado. Isto nos permitiu seguir os ciclos biológicos de algumas orquídeas, assim com aprofundar o conhecimento destas comunidades vegetais como um todo.

As restingas foram formadas entre sete e dois mil anos atrás pelos movimentos de avanço e recuo das águas do mar, resultantes de variações do nível dos oceanos. Houve a formação de sucessivos cordões arenosos litorâneos que, pela ação dos ventos e outros fatores, foram modelados como dunas, por exemplo, ou mesmo planícies com poucos acidentes geográficos.

Na restinga de Massambaba encontramos, como é comum nas restingas, vegetação que se modifica em zonas bem definidas conforme a topografia da restinga. De maneira simplificada temos, nas restingas, o cordão arenoso externo (restinga externa), próximo ao mar, e o cordão arenoso interno (restinga interna), próximo à lagoa. Entre estes dois cordões arenosos existe uma área de brejo, sendo que aí o solo é coberto por matéria orgânica espessa, semelhante à turfa.

A restinga é um lugar de muito vento e pouca chuva, predominando o solo arenoso pobre, que não retém umidade. Sua vegetação constitui uma comunidade pioneira, de primeira ocupação de um solo jovem ou rejuvenescido pela deposição de areia.

É interessante perceber como é rica e diversificada a comunidade vegetal em ambiente aparentemente hostil. Encontramos muitas plantas de valor ornamental e medicinal. Além das orquídeas assinalamos, dentre os arbustos, o gênero *Clusia* e o “fedegoso” do gênero *Cassia*. Há grande variedade de bromélias e



Fig. 2. Na área do estudo original, nem as plantas de *Cattleya guttata* escondidas nas moitas da restinga arbustiva salvaram-se.
(Foto: P. Pancotto)

cactus, gramíneas e líquens. As orquídeas por nós encontradas até agora foram: *Brassavola perrinii*, *Cattleya guttata*, *Campylocentrum selowii*, *Campylocentrum robustum*, *Cyrtopodium paranaensis*, *Encyclia oncidoides*, *Epidendrum denticulatum*, *Epidendrum latilabre*, duas espécies de *Habenaria*, *Oncidium ciliatum*, *Pleurothallis* sp e *Vanilla planifolia* (ver apêndice). Recentemente encontramos uma orquídea terrestre de brejo que parece ser de um gênero não assinalado para o Estado do Rio de Janeiro, mas estamos aguardando a floração.*)

A região da restinga que nos pareceu, até o momento, mais rica em espécies de orquídeas foi a restinga interna. Nesta região, a vegetação arbustiva forma moitas intercaladas por clareiras e o solo é irregular, com pequenas elevações. Estas moitas podem ser pequenas e baixas ou um pouco maiores, com árvores de pequeno porte (2 a 3 metros de altura). Nestas moitas maiores, a vegetação arbustiva é geralmente densa, proporcionando bastante sombra. Aí encontramos, freqüentemente, a *Cattleya guttata* e a *Encyclia oncidoides* vegetando como epífitas nas pequenas árvores, muitas vezes bem próximas ao solo, a uma altura de 30 a 50 cm. Nas raras vezes em que encontramos *C. guttata* crescendo em uma moita aparentemente não perturbada pela coleta, ocupava, com suas plântulas, até os galhos mais altos da árvore suporte. As *C.guttata* e *Enc.*



Fig. 3. *Bletia catenulata* antes era encontrada em grandes populações na beira de brejos. Hoje seu habitat está ameaçado. (Foto: S.R.Pereira)

oncidoides não expõem, geralmente, suas folhas ao sol direto e as plantas maiores ficam na parte central e mais baixa da moita, só recebendo luz filtrada. No caso da *C.guttata*, encontramos algumas plantas vegetando em moitas pequenas e bem mais expostas ao sol. Muitas vezes percebemos que o líquen *Usnea* "barba de velho" parecia servir de cortina para filtrar os raios solares.

De um modo geral, as *C. guttata* e *Enc. oncidoides* não usam o mesmo arbusto mas, eventualmente, o fazem e, na competição por espaço dentro das moitas, a população de *Enc. oncidoides* parece estar tendo vantagem ocasionalmente, formando, então, enormes touceiras. Isto, talvez seja devido ao fato de que a *C. guttata*, pela beleza das suas flores, haver sido a mais coletada.

Nestas mesmas moitas maiores, também a pequena altura e vegetando como epífita, encontramos outra orquídea de grande beleza, a *Brassavola perrinii* que, quando em flor, ostenta lindos racimos brancos, perfumados. Suas folhas roliças “rabo de rato” recebem muita luz e pouco sol direto. Tem sido coletada amplamente e sua população local nos pareceu pequena, embora tenhamos percorrido, até agora, só um área limitada da restinga de Massambaba. Cada vez que plantas em flor são coletadas, eliminamos a possibilidade de que venham a se formar frutos e sementes e o “habitat” vai empobrecendo. Outra epífita da restinga é o *Oncidium ciliatum*, que foi encontrado na parte da restinga interna próxima ao brejo. Nesta região há uma pequena faixa de mata



Fig. 4. *Epidendrum denticulatum* é uma espécie de grande distribuição e ainda pode ser encontrada entre as moitas da restinga de Massambaba. (Foto: M.R.A. Braga)

arbustiva, em vez de moitas, e o *Oncidium ciliatum* vegeta nas arvoretas mais altas. Recebe, nas suas partes vegetativas, muita luz e, por meio de longas hastes, suas inflorescências procuram o sol. Encontramos muito poucos até agora e quase nenhuma plântula, pois, quando bem florido, é muito visto, chamando atenção dos coletores.

O *Cyrtopodium paranaensis*, vulgarmente conhecido como “Sumaré” é muito abundante, vegetando no solo arenoso na periferia das moitas e da pequena mata, em pleno sol. Apresenta inflorescências com hastes longas amarelas esverdeadas, perfumadas. É muito ornamental tendo, também, valor medicinal.

No caso das *Habenaria*, as duas espécies encontradas crescem no solo arenoso protegidas do sol pelos arbustos. Este gênero contém suas substâncias de reserva nas raízes tuberosas bem características e suas flores possuem esporão.

Quanto ao gênero *Campylocentrum*, suas espécies crescem como orquídeas aéreas, sendo que, eventualmente, suas raízes aderem ao suporte. É encontrada sempre à meia luz, sendo este gênero o único representante das Sarcanthinae no Brasil. Pelo hábito vegetativo, o *Camp. robustum* lembra uma pequena *Renanthera*, enquanto *Camp. selowii* possui folhas modificadas, pequenas, aciculares, parecendo ter só raízes.

Muito abundante é a *Vanilla*, que prolifera vegetando como epífita, na sombra, dentro das moitas, seus caules longos se apóiam nos arbustos ou caminham prostrados na areia, por pequenas distâncias. É encontrada no sol pleno apenas indo de uma moita para outra, em trechos curtos.

Num local como a restinga de Massambaba, em que o solo é pobre e existe a maresia permanente no ar, a comunidade vegetal está adaptada, usando estratégias adequadas para reduzir a perda de água, por exemplo.

Neste ambiente, todas as plantas são importantes e as agressões continuadas vão, forçosamente, produzir um desequilíbrio que poderá ser reversível ou não.



Fig.5. *Epidendrum x ormindoi* é um híbrido natural que foi descrito para a Massambaba e hoje é muito raramente encontrado ao longo da restinga. (Foto: M.R.A. Braga)

Até agora só nos referimos à coleta como fonte de agressão, mas a grande ameaça é, certamente, a especulação imobiliária, que já destruiu descaracterizou muitas restingas do Estado do Rio de Janeiro.

Em 15 de dezembro de 1986 foram criadas a Reserva Ecológica Estadual da Massambaba, numa área do Município de Araruama, e a Área de Proteção Ambiental da Massambaba (APA Massambaba), constituída por partes dos Municípios de Saquarema, Araruama e Arraial do Cabo. O “status” de reserva

ecológica oferece mais proteção do que o de APA, mas, em qualquer dos casos, as dificuldades são muitas para que o que existe no papel seja realidade.

Na verdade, apesar da coleta, que causou algum desequilíbrio, este nosso jardim natural continua como que, por milagre, lindo e rico em espécies.

Vamos ficar atentos no sentido da sua preservação e vitalidade, usando nossas capacidades de orquídfilos para restaurá-lo e de cidadãos para defendê-lo.

Depoimento Recente:

Em 14/02/2011, Sylvio R. Pereira, atual diretor técnico da OrquidaRio e um dos nossos sócios que tem visitado periodicamente a restinga da Massambaba, escreveu o seguinte “desabafo” sobre a sua decepção com o que viu no final de semana anterior, em local próximo onde Penha e Carlos Ivan trabalharam em 1992.

Pessoal,

(...) A nossa visita às guttatas foi decepcionante. Em uma área que já foi o jardim das guttatas/brassavolas, pela quantidade e variedade de formas e cores das flores, as guttatas e as brassavolas estão praticamente extintas. Tivemos que andar muito para descobrir algumas poucas ocorrências de guttatas, sendo que só encontramos cerca de três exemplares em flor. Ainda vimos alguns cachos com botões. Já as brassavolas continuam a ser coletadas, nas poucas áreas de ocorrência que ainda existem. Não vimos nenhuma planta florida ou em botão.

Agora estão investindo nas Encyclia oncioides, até agora desprezadas pela sua forma e floração que a caracterizava como uma orquídea sem valor comercial. A coleta está sendo feita de maneira violenta, com as plantas sendo arrancadas sem nenhum cuidado,

restando apenas alguns pedaços de plantas, algumas tentando sobreviver como terrestres, nos locais onde foram descartadas.

Já os três exemplares do gênero Epidendrum, ainda continuam lá, aparentemente sem coleta, ainda. Vale destacar a grande floração este ano do Epidendrum x purpureum e do Epidendrum orchidiflorum, ambos com boa produção de cápsulas. O Epidendrum denticulatum quase não estava florido.

Esta área, hoje é, praticamente, a única de ocorrência conhecida deste híbrido na restinga. Se não for protegido, pois está num local de fácil acesso, ele vai ser extinto. O que podemos fazer? (...) Desculpem o desabafo,

Sylvio Rodrigues Pereira



Fig.6. A pressão urbana sobre áreas ainda não ocupadas da restinga é muito grande e exige uma fiscalização intensa e que hoje é quase inexistente. (Foto: S.R.Pereira)

Considerações Finais:

Cerca de 20 anos passaram-se desde a primeira publicação do artigo original. Já em 1992, Penha e do Carlos Ivan chamavam a atenção para os efeitos das coletas de plantas e do grande perigo da especulação imobiliária na destruição da vegetação da restinga de Massambaba. Hoje, 2011, estas duas ameaças continuam presentes e mais fortes do que antes. O resultado evidente e provavelmente irreversível é o grande empobrecimento da área em termos de orquídeas e outras plantas ornamentais. E sabemos que quando a comunidade vegetal é alterada, a comunidade animal sofre diretamente e sua integridade também está ameaçada. O órgão estadual responsável pela proteção ambiental está consciente da necessidade de preservar as áreas ainda características da restinga – mas, além da morosidade dos processos administrativos, sabemos que os recursos humanos e financeiros para a implementação das medidas de fiscalização necessárias não são suficientes. O Parque Estadual da Costa do Sol dará o “status” de proteção adequado para a área, mas, na prática, as pressões de destruição continuarão e muito terá que ser realizado para anulá-las. Em seu depoimento, Sylvio

nos pergunta: “(...) *O que podemos fazer?*” E sua angústia diante do quadro atual é mais do que justificada. Mas é bom lembrar-nos do conselho dado em 1992 por Penha e Carlos Ivan: “*Vamos ficar atentos no sentido da sua preservação e vitalidade, usando nossas capacidades de orquíófilos para restaurá-lo e de cidadãos para defendê-lo*”. Como associação e como admiradores de orquídeas, temos um importante papel na preservação do que resta desse ainda lindo “jardim natural”. A OrquidaRio já está comprometida a colaborar com a administração do novo parque e um de nossos associados (Antonio Clarindo) está reproduzindo em laboratório duas das espécies da restinga, para reintrodução do que foi arrancado. Como cidadãos, devemos ter o compromisso de preservarmos o que sobrou do ambiente natural, de denunciarmos os atos de vandalismo e de sempre cultivarmos plantas reproduzidas em laboratórios.

Bibliografia:

- Araujo, D. Orquídeas da Restinga do Estado do Rio de Janeiro: Massambaba, um habitat privilegiado. *OrchidNews* #14. www.delfinadearaujo.com/on/on14/paginas/del14br2.htm
- Araújo, D.S.D., C. F. Catarino de Sá, J. Fontella-Pereira, D.S. Garcia, M.V. Ferreira, R.J. Paixão, S. . Schneider & V.S. Fonseca-Kruel. 2009. Área de Proteção Ambiental de Massambaba, Rio de Janeiro: caracterização fitofisionômica e florística. *Rodriguezia*, 60 (1):67-96.
- Lacerda, L.D. & D.S.D. de Araújo. 1986. A natureza das restingas. *Ciência e Hoje*, 6(33). S.B.P.C.
- Pabst, G.F.J. & F. Dungs. 1977. *Orchidaceae brasilienses*. Brücke-Verlag Kurt Schmiersow.
- Pereira, O.J. & D.S.D. Araújo. 2000. Análise Florística das Restingas dos Estados do Espírito Santo e Rio de Janeiro. *In*: F.A. Esteves & L.D. Lacerda (Eds.) *Ecologia de Restingas e Lagoas Costeiras*. NUPEM/UFRJ, Macaé. :25-63.
- Veloso, H.P.; A.L.R. Rangel Filho & J.C.A.Lima. 1991. Classificação da vegetação brasileira, adaptada a um sistema universal. IBGE.

Apêndice

Lista atualizada das Espécies Encontradas por Fagnani & Siqueira (1992):

Brassavola tuberculata Hook = *Brassavola perrinii*.

Cattleya guttata Lindl.

Campylocentrum selowii Rolfe

Campylocentrum robustum Cogn.

Cyrtopodium flavum Link & Otto ex Rchb. = *Cyrtopodium paranaensis*

Encyclia oncidioides (Lindl.) Schltr.

Epidendrum denticulatum Barb. Rodr.

Epidendrum orchidiflorum Salzm. ex Lindl. = *Epidendrum latilabre* Lindl.

Habenaria: *Habenaria parviflora* Lndl. e *Habenaria repens* Nutt.

Oncidium ciliatum Lindl.

Pleurothallis sp (seis espécies possíveis)

Vanilla chamissonis Klotzsch = *Vanilla planifolia*

(*) *Bletia catenulata* Ruiz & Pav.



AC Lab

Reprodução de
orquídeas através
de sementes

aclarindo@oi.com.br

Antonio Clarindo:
9909-0971



ORCHIDS

Bela Vista

*Especializado em espécies naturais reproduzidos em
laboratório buscando o melhoramento da qualidade.
Visite nosso catálogo virtual*

Mais de trezentos espécies disponíveis
Solicite um orçamento sem compromisso

Enviamos lista de preço
mediante solicitação

Rua Sebastião Leite do Canto - S/Nº (final da rua) - Assis - SP - Brasil
CEP: 19.800-121 - CX. Postal 203

Fone: 18-3324 8361 - Fax: 18-3325-1635

e-mail: belavista@bvorchids.com.br



Florália

Tradição com qualidade

Estrada da Florália, 592
24.140-216 - Niterói - RJ

Tel.: (21) 2627-7733

Fax: (21) 2627-7802

florbra@attglobal.net

www.floralia.com.br

Ble. *Goldenzelle* 'Saddle Peak'



CATTLEYAS e VANDAS

**Estrada Sítio do Catobira, 147
Itaipava - Petrópolis**

**Tel.: (24)2222-4910 (24)9964-1987
n-arraes@compuland.com.br
Fazemos exposições em todo Brasil**



Muita gente não faz seguro porque acredita que nada vai acontecer. Ou se acontecer, vai acontecer com outro. Mas vai que... Por isso, a Bradesco Seguros pensa diferente. Imprevistos podem acontecer. E fazer um seguro é a melhor maneira de lidar com eles. Faça um seguro da Bradesco Seguros. Vai que... Fale hoje mesmo com seu Corretor ou vá até uma Agência Bradesco. bradescoseguros.com.br

VAI QUE...



ARANDA
ORQUÍDEAS

Excelência em cultivo de **Paphiopedilum**.

Híbridos e espécies de orquídeas à venda
para todo o Brasil.



21 2742-0628 / 3641-3015

aranda.com.br